

A MODERNIZAÇÃO DO CERRADO GOIANO: INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES CULTURAIS E NAS PRÁTICAS DE LEITURA

*THE MODERNIZATION OF THE CERRADO GOIANO: INFLUENCE ON THE
CULTURAL FORMATION INSTITUTIONS AND READING PRACTICES*

Andréa Pereira dos Santos
Universidade Federal de Goiás (UFG)
andreabiblio@ufg.br

Benjamim Pereira Vilela
Instituto Federal de Goiás (IFG – Campus Senador Canedo)
bpvilela@gmail.com

Resumo: Trata-se de uma pesquisa histórica a respeito da formação das instituições culturais, em especial, as bibliotecas na Cidade de Goiânia, Goiás. Nosso objetivo é mostrar como ocorreu o processo de ocupação e modernização do cerrado goiano e o surgimento dessas instituições e como esse processo, iniciado nas primeiras décadas do século XX, contribuiu para a formação cultural e leitora da atualidade. A Pesquisa mostrou que à época do Batismo Cultural da Cidade de Goiânia, as instituições culturais foram criadas com fins meramente propagandistas sem uma preocupação verdadeiramente social ao acesso à leitura e à informação. Conclui-se que as trajetórias históricas das instituições culturais em especial as bibliotecas, influenciam negativamente às práticas atuais, pois tais instituições, além de poucas, nunca foram acessíveis de forma abrangente à toda população e sim somente a uma elite. Por fim, não há, nesse sentido, motivação e nem espaços suficientes para as práticas de leitura.

Palavras-chave: Modernização do território. História das bibliotecas Goianas. Práticas de leitura.

Abstract: This is a historical research about the formation of the cultural institutions, particularly libraries in the city of Goiânia, Goiás. Our goal is to show how was the process of occupation and modernization of Goiás cerrado and the emergence of these institutions and how this process, started in the first decades of the twentieth century, contributed to the cultural background and current reader. The research has shown that the time of the Cultural Baptism of the city of Goiania, cultural institutions were created with purely propagandistic ends without a truly social concern access to reading and information. We conclude that the historical trajectories of cultural institutions, particularly libraries, influence negatively to current practices, because this institutions, are few and were never accessible comprehensively to the whole population, but only to an elite. Finally, there isn't, in this sense, motivation and not enough spaces for reading practices.

Keywords: Modernization of the territory. reading practices. Public libraries.

INTRODUÇÃO

Nesse texto, discutiremos o surgimento das bibliotecas e das instituições culturais de Goiânia e seu reflexo nas práticas culturais, educacionais e, conseqüentemente, da leitura na atualidade, tendo como base a modernização do território cerradoeiro (MENDONÇA, 2004).

A história das bibliotecas, ao refletirmos os aspectos *inter* e multidisciplinares da Ciência da Informação e da geografia, tem demonstrado que sua existência nos diferentes territórios, influi de sobremaneira, na história das práticas de leitura dos sujeitos. Foi o que mostrou a pesquisa de Santos (2014), o qual corrobora para um aspecto das transformações espaciais ocorridas, no Brasil: aumento da população urbana e diminuição significativa da população Rural.

Entretanto, o contexto histórico e social envolto à construção das bibliotecas em Goiânia, à época do Batismo Cultural e mudança da capital, demonstram interesses muito mais políticos de se propagandear uma existência cultural a fim de atrair pessoas, do que uma preocupação realmente social com acesso à cultura e à leitura.

Nossa percepção é que as práticas de leitura realizadas pela juventude atualmente, são influenciadas, historicamente, pelos processos culturais responsáveis pelo surgimento das instituições culturais e educacionais do passado. Para esse entendimento, nosso objetivo é mostrar como ocorreu o processo de ocupação e modernização do cerrado goiano e o surgimento das instituições culturais e/ou de leitura e, como esse processo iniciado nas primeiras décadas do século XX, pode ter contribuído, ou não, para a formação cultural e leitora da atualidade.

Para melhor compreensão dessa temática, trazemos discussões relacionadas tanto aos conceitos de cultura quanto de leitura. Para discorrermos sobre Goiânia culta e moderna e o surgimento das instituições culturais, em especial as bibliotecas, trazemos inicialmente os conceitos de cultura e cultura popular com Arantes (1987), Cuche (2002), Laraia (2003) e Santos (2006). Por fim, para discorrer sobre o discurso da importância de uma cidade culta e moderna, nossos aportes são Pereira (1997), Melo (2007) e Vaz (2007). Já para a discussão à respeito da leitura, trazemos, em especial, uma breve análise da pesquisa retratos da leitura no Brasil realizada em 2015, além de teóricos como Chartier (1998) e Abreu (2001).

FORMAÇÃO CULTURAL DO CERRADO GOIANO

O processo de ocupação e modernização do Cerrado goiano foi longo e preocupado em atrair investidores para o Estado. Nessa feita, os processos culturais se constituíram em pontos também explorados e usados para atrair pessoas de diversos campos.

O nível de acesso à educação e a leitura por uma pequena parcela da sociedade, naquela época, é refletida até hoje, pois, nos resultados, dessa pesquisa, apresentados mais adiante, perceberemos que há um histórico de falta de acesso às bibliotecas e/ou outras instituições educacionais e culturais nas trajetórias socioespaciais dos jovens.

Falar sobre leitura, pressupõe-se também a discussão a respeito da formação cultural, já que é, principalmente por meio da leitura, que se tem acesso a uma diversidade de produtos culturais. Mas o que é cultura? A cultura, conforme Arantes (1987); Cuche (2002); Laraia (2003) e Santos (2006) é um conceito muito amplo, construído historicamente e diz respeito às diversas manifestações de uma sociedade: modo de vida, festa, religião, culinária, vestimentas, comportamentos, saberes entre outros. Laraia (2003, p. 38) ao tratar do conceito antropológico de cultura afirma que “o homem é um ser predominantemente cultural (...) pois, todos os seus atos dependem inteiramente de um processo de aprendizado”.

O processo de modernização do território brasileiro foi um avanço para a consolidação de um mercado tanto interno quanto externo. Sendo assim, foi um processo necessário, já que precisava tanto da participação do Estado de Goiás em um mercado mundial quanto local. Entretanto, tanto no Brasil como um todo quanto em Goiás, esse processo de ocupação e modernização do território, em especial das áreas do Cerrado veio acompanhado de uma elite interessada em explorar economicamente as suas potencialidades.

A elite escravocrata, em decadência, viveria, na velha Cidade de Goiás, antiga capital goiana, os estertores da República Velha em nosso Estado, na derrocada do clã caiadista¹ que apeava-se do poder em que estava desde 1909. Mesmo assim, cantava seus últimos cantos de agonia². Na ilustração à seguir esses últimos cantos com o carnaval de 1929 realizado na Cidade de Goiás.

¹ Elite dominante na política goiana nas primeiras décadas do século XX. Alguns políticos da família ainda encontram no poder ocupando cargos políticos no ano em que foi escrito esse trabalho.

² Palestra proferida por Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado em novembro de 2012 na disciplina do curso de biblioteconomia “História da cultura e dos registros do conhecimento”

Ilustração 1 – Último carnaval da cidade de Goiás



Último carnaval da Cidade de Goiás em 1929, quando a cidade já sofria os envolvimento políticos que culminariam com a Revolução de 1930. O antigo Ford, como carro alegórico pertencia a Joviano Caiado de Castro Fleury, saindo da porta do casarão da Família Fleury Curado, no Cais do Rio Vermelho junto à Ponte do Carmo. Foto Alencastro Veiga, acervo de Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado.

Nesse sentido, várias foram as transformações ocorridas no território tanto no plano econômico quanto no plano cultural. Nossa problemática, nesse artigo, envolve também esclarecer a seguinte questão: além das potencialidades econômicas, havia preocupação da elite entre as décadas de 1930 e 1970 quanto à visibilidade do Estado de Goiás, em especial de sua capital em relação ao plano cultural? Qual a contribuição das bibliotecas e instituições culturais na manutenção das práticas de leitura da atualidade? Esse período foi escolhido pois, é justamente nessa época em que há importantes transformações ocorridas na capital, como o batismo cultural por exemplo e a criação da primeira biblioteca pública.

Partindo dos autores Melo (2007); Mendonça (1981); Vaz (2007) e Pereira (1997) pressupõe-se que o avanço econômico por meio da modernização do território, contribuiu para o incremento de novos elementos e manifestações culturais da sociedade goiana em especial da cidade de Goiânia. Essas manifestações estão ligadas, principalmente, ao surgimento de instituições culturais que traziam consigo o discurso de que Goiânia tinha, além das potencialidades econômicas, uma vocação cultural.

O processo de modernização do território e as transformações socioespaciais ocorridas no período nos mostram que, de um lado, percebe-se uma preocupação, por parte

daqueles que comandavam a sociedade, com a cultura. Nesse sentido, são trazidos de fora, especificamente da Europa, elementos característicos de uma dita “alta cultura”: literatura, arquitetura, música entre outros.

Para Santos (2006), o estudo da cultura se torna importante por ser uma forma de combater preconceitos e pensar em nossa própria realidade social. O combate ao preconceito se deve pelo fato de que o estudo da cultura nos leva a conhecer manifestações sociais diferentes da nossa. Da mesma forma, nos faz refletir sobre nossos modos de vida, nossos pensamentos e nosso jeito de ser. Entretanto, para Cucho (2002, p. 143) “as culturas nascem de relações sociais que são sempre relações desiguais”.

Pode-se afirmar que a cultura da sociedade da capital do Estado de Goiás, com a modernização e ocupação do Cerrado, tem suas raízes tanto na cultura popular daqueles que já ocupavam esse Cerrado antes da modernização, bem como da elite local que propõe, como veremos adiante, a criação de importantes instituições culturais, proclamando um discurso de que além de moderna, a capital também era culta.

Apesar de já existir manifestações culturais provenientes de uma cultura popular Chaveiro; Barreira (2010), a elite local, durante a década de 1930 e 1970 propôs, conforme quadro 1, a criação de outras instituições culturais que atestariam a existência de cultura no Estado. Essas instituições eram uma forma de hierarquizar a cultura, pois conforme Arantes (1987, p. 14) “a partir dos lugares de onde se fala com autoridade na sociedade capitalista, o que é ‘popular’ é necessariamente associado ao ‘fazer’ desprovido de ‘saber’”. Sendo assim, para essa elite, a cultura popular de então, não era considerada cultura.

Segundo Vaz (2007, p. 9), a elite local envida esforços para criar um ambiente mais próximo de suas expectativas. Nisso, há iniciativas de criação de instituições ligadas a uma “elite” como o Automóvel *Club*, *Rotary Club* e a *Catedral*. Além desses espaços, as calçadas do Grande Hotel eram frequentadas por intelectuais e políticos.

Destacamos também o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, fundado por Colemar Natal e Silva, em 1932; o Clube de Leitura Infantil Branca de Neve, do Grupo Escolar Modelo, fundado por Julieta Caiado Fleury, em 1937; a Academia Goiana de Letras, fundada por Colemar Natal e Silva, em 1939; a Associação Goiana de Imprensa, fundada por Albatênio Caiado Fleury de Godoi, em 1934; a Associação Goiana de Teatro - AGT, fundada por Otavinho Arantes em 1948; o Grupo de Escritores Novos (GEN), fundada por Miguel Jorge, em 1963; o Teatro Inacabado da AGT, criado por Otavinho Arantes, em 1967; a

Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, fundada por Rosarita Fleury (ilustração 2), em 1969³.

Ilustração 2 – Julieta Caiado Fleury



Julieta Caiado Fleury (1908-2002), que, em Goiânia, fundou, em 1937, a primeira biblioteca infantil, destinada às crianças do Grupo Escolar Modelo e aberta à comunidade. Chamava-se “Clube de Leitura Infantil Branca de Neve”. Foto Berto, acervo de Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado.

³ *Idem*, novembro de 2012.

Quadro 1 – Instituições culturais goianas criadas entre as décadas de 1930 e 1970

INSTITUIÇÃO	FUNDAÇÃO	FUNÇÕES
Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, fundado por Colemar Natal e Silva	1932	Fonte de informações históricas e geográficas do Estado de Goiás
Grande Hotel	1933	“edificação considerada moderna, sofisticada, com apartamentos de luxo até então desconhecidos em Goiás” (MACEDO, 2009, p. 301)
Museu Estadual	1934	Local para preservação da memória Estadual
Associação Goiana de Imprensa	1934	Fundada por Albatênio Caiado Fleury de Godoi, importante fonte de divulgação de notícias da época
Automóvel Club	1935	Atividades sócio recreativas ligadas áqueles que possuíam automóveis.
Rotary Club	1935	Rotary é uma organização internacional de profissionais e pessoas de negócios, líderes em suas áreas de atuação, que prestam serviços humanitários, fomentam elevado padrão de ética em todas as profissões e ajudam a estabelecer a paz e a boa vontade no mundo.
Biblioteca Pública Municipal de Goiânia – BPMG	1936	Disponibilizar acervo para o público Goiano
Clube de Leitura Infantil Branca de Neve, do Grupo Escolar Modelo	1937	Fundado por Julieta Caiado Fleury, tinha como intuito promover a leitura
Catedral de Goiânia	1938	Congregação religiosa.
Fundado por Julieta Caiado Fleury	1939	Fundada por Colemar Natal e Silva, espaço de convivência de ilustres escritores goianos
Cine Teatro Goiânia	1942	Criado para ser palco de peças teatrais
Primeira emissora de rádio	1942	Tinha como função divulgar o Estado e suas potencialidades econômicas
CGF – Comissão Goiana de Folclore	1948	Nasceu com o objetivo divulgar, conhecer e preservar o folclore goiano. A época muitos intelectuais estavam envolvidos na sua criação (SILVA, 2008)
Associação Goiana de Teatro	1948	Fundada por Otavinho Arantes, espaço de discussão e promoção do teatro
Galeria Cine Ouro	1960	“palco das primeiras exibições de filmes na capital Goiânia” (MACEDO, 2009, p. 301).
Grupo de Escritores Novos (GEN)	1963	Fundado por Miguel Jorge, espaço para novos escritores
Biblioteca Estadual Pio Vargas (Ela se chamou Biblioteca Pública Estadual de Goiás, depois Biblioteca Pública Municipal Maximiano da Mata Teixeira e só em 1990 teve o nome de Pio Vargas)	1967	Disponibiliza acervo para todo público goiano com acervo rico em mapas, livros e filmes.
Teatro Inacabado da AGT	1967	Palco de grandes apresentações culturais e artísticas
Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás	1969	Fundada por Rosarita Fleury, espaço para as mulheres artistas e escritoras

Elaborado pelos autores, 2019.

Essas instituições de cultura e leitura eram então elementos de uma chamada alta cultura, pois conforme Santos (2006, p. 35) “a alta cultura surge como marca das camadas dominantes da população de uma sociedade; se opõe à falta de acesso à ciência, à arte e à religião daquelas camadas dominantes”. Como a cultura popular existente na época era desprovida desses elementos, era preciso criar espaços em que essas manifestações fossem possíveis.

À época da ocupação do Cerrado goiano, havia uma preocupação em se progredir e crescer no plano cultural, para que a cidade não fosse vista como atrasada por outras regiões do país e do mundo. Muitas famílias com elevadas condições financeiras mandavam seus filhos estudar na Europa ou em bons colégios da Corte, onde traziam maneiras elegantes e fidalgas (MENDONÇA, 1981). Tal fato porque havia preconceito, tanto em Goiás quanto no Brasil, a respeito da cultura popular, vista como não cultura. Cultura mesmo era o que vinha de fora, da Europa.

A própria construção da capital, segundo estudos feitos por Melo (2007), traziam anseios nos quais a modernidade era sinônimo de civilização e era preciso pensar em uma arquitetura baseada em modelos europeus. Tanto que segundo Mello (1996), *o art déco* recebeu influências das vanguardas do início do século, tais como o cubismo, o construtivismo russo e o futurismo italiano.

A Marcha para o Oeste atraiu, como vimos anteriormente, tanto pessoas com baixo poder aquisitivo em busca de oportunidades, quanto atraiu também investidores e grandes fazendeiros interessados em ampliar seu capital financeiro. Esses últimos, muitos deles ligados a uma elite política da época, podiam importar cultura e educação de fora.

A cidade de Goiânia, nas suas primeiras décadas de capital, demonstrava ser além de moderna, culta, ou pelo menos parecer culta. Uma das providências foi a construção e inauguração da Biblioteca Pública Municipal de Goiânia – BPMG no final da década de 1930. A inauguração foi noticiada em vários jornais da capital e fora do Estado. Melo (2007, p. 87) afirma que:

Goiânia, para ter face da modernidade, do progresso e da cultura urbana e, assim, garantir o seu pertencimento à nação civilizada, precisa reforçar e divulgar os mitos que lhe consagrariam essa posição. Com certeza: as práticas de leitura na BPMG, como uma das cartas do jogo, entrelaçam-se com práticas outras de leitura existentes (...) para sustentação desse cenário letrado.

Como completa a autora, na inauguração da biblioteca pública, apenas a elite estava presente, excluindo o público geral; a quem era destinada a biblioteca. A biblioteca foi

inaugurada com apenas 70 exemplares (MELO, 2007). Apesar do pequeno acervo, ter uma biblioteca era sinônimo de interesse por cultura e leitura.

Essa biblioteca foi idealizada por um grupo de moças do chamado “Bando da Alegria”. Elas fizeram o primeiro jornal de Goiânia, manuscrito, intitulado *Que me importa*. Eram jovens estudantes, vindas da Cidade de Goiás, motivadas a descreverem suas primeiras experiências numa nova cidade. Eram dirigidas por Rosarita Fleury, Célia Coutinho Seixo de Britto, Eurydice Natal e Silva Juliano e Maria das Graças Fleury Pires de Campos⁴.

Ilustração 3 – Bando da alegria



“Bando da Alegria”, grupo de jovens que liam e promoviam eventos. Este, em 1936, às margens do então limpo e piscoso Córrego Botafogo, vendo-se o Cerrado mais além, onde, hoje, é o Setor Universitário. Acervo de Bento Alves Araujo Jayme Fleury Curado.

Desse período destaca Fleury (1985, p. 66):

Ainda em 1936, aconteceu a fundação da primeira Biblioteca de Goiânia. Foi idealizada por nossa turma buliçosa que não achava hora para sossegar. Éramos cinco a sonhar com isto. Maria das Graças Fleury, Virgínia e Tuniche Vieira, Maria

⁴ *Idem*, novembro de 2012

Felix de Sousa (Dolly) e eu. Para tanto, organizamos o “Baile do livro”, cujo ingresso para os senhores era um livro. Lembrome de haver escrito e enviado o convite a muitos amigos e conhecidos, explicando nossos planos e pedindo um livro. A sessão inaugural foi seguida de animado baile, realizado no edifício da Assembleia e onde, provisoriamente, se achava instalado o Fórum, na Avenida Tocantins. O local hoje é sede da Loteria Estadual. Conseguimos o salão à duras penas, e a organização do mesmo ficou por nossa conta. Mas, lá pelas tantas, quando o baile estava bem animado, ouvimos, um tanto assustadas que havia sido escolhido para dirigir a biblioteca o Dr. Joaquim Câmara Filho, Diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda. Às fundadoras couberam pequenas funções de auxiliares. Foi esta a primeira demonstração de discriminação contra a mulher sentida na pele em Goiânia. Contudo, a festa foi um sucesso, tendo sido arrecadados 78 volumes e uma estante, início da primeira Biblioteca de Goiânia, semente da atual Biblioteca Municipal.

Ilustração 4 – Rosarita Fleury de Bicicleta



Rosarita Fleury (1913-1993), de bicicleta, a entregar os convites do “Baile do Livro”, em Goiânia. Ao fundo, as primeiras construções da Avenida Araguaia na “Capital brotinho”. Tudo era, ainda, um imenso Cerrado. Foto Berto, acervo particular de Bento Alves Araujo Jayme Fleury Curado.

Outrossim, destacamos um estudo realizado por Barra (2008) que indica essa preocupação com a cultura Goiana nascendo bem antes do processo de modernização do Estado e da criação da capital. Segundo Barra (2008), o Gabinete Literário Goiano surge no ano de 1864 e seria uma das primeiras bibliotecas públicas do Estado, já que outras possíveis existentes eram de uso escolar. O estudo da autora mostra, também, que apesar de ser

considerada uma biblioteca pública, ela só tinha 90 sócios. Dentre esses, a maioria, cerca de 80 a 90% eram homens e de classe social avantajada.

Segundo documentação apresentada por Bento Alves Fleury Curado, a primeira biblioteca pública de Goiás surgiu em 1830 na cidade de Pirenópolis, fundada pelo Coronel Joaquim Alves, do Engenho da Babilônia, fundador, também, do primeiro jornal *A Matutina meiapontense*⁵.

Ilustração 5 – Cidade de Goiás



Cidade de Goiás. A última casa à esquerda é a sede do Gabinete Literário Goyano há 150 anos! Acervo particular de Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado.

Destacamos, também, o surgimento em 1948 da Comissão Goiana de Folclore - CGF, nascida com o objetivo divulgar, conhecer e preservar o folclore goiano. À época muitos intelectuais estavam envolvidos na sua criação (SILVA, 2008). A grande motivadora desse processo de valorização da cultura popular em Goiás foi Regina Lacerda (1919-1992), autora dos primeiros estudos sobre a arte do povo em nosso Estado. A CGF, segundo Silva (2008), assim como as demais políticas culturais em todo Brasil, tinha a preocupação de preservar as manifestações culturais autênticas ameaçadas de desaparecimento por conta do progresso vivido pelo Estado e pelo Brasil nesse momento histórico.

⁵ *Idem*, novembro de 2012

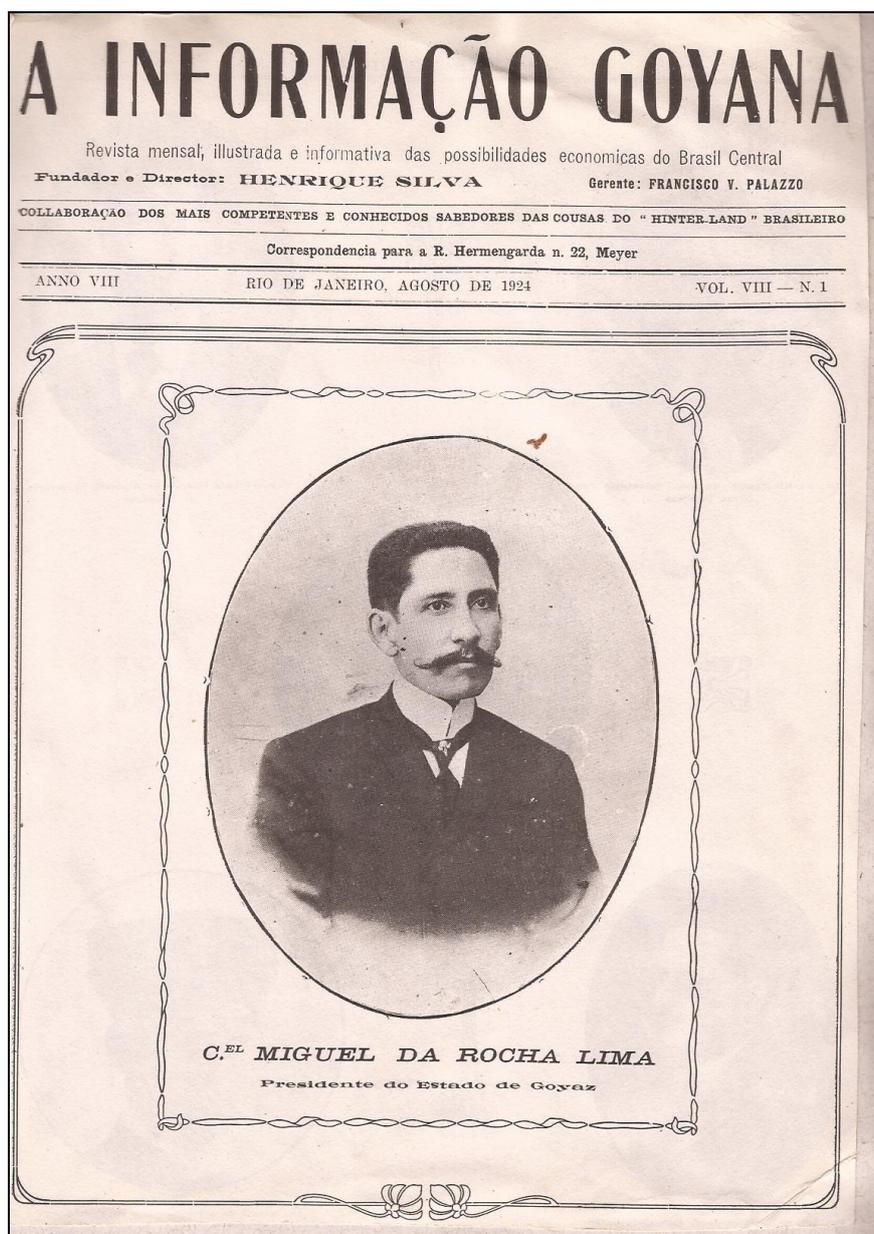
Ilustração 6 – Paneleiras e poteiras

Regina Lacerda, em 1948, quando se criou a Comissão Goiana de Folclore. Seu primeiro trabalho foi sobre as “paneleiras e poteiras”, da Cidade de Goiás. Acervo de Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado.

Havia também, desde antes mesmo da construção da capital, a preocupação dos intelectuais goianos a respeito da imagem do Estado. Segundo Pereira (1997, p. 119) “intelectuais goianos passaram a atuar, a partir da primeira década do século XX, de forma mais intensa, no sentido de se viabilizar um progresso futuro para o Estado”. Várias estratégias foram tomadas. Uma delas foi a divulgação da cidade em meios de comunicação, em especial jornais.

Para Pereira (1997, p. 119): “Na valorização de Goiás foi utilizada (...) a imprensa regional e nacional. Uma das frentes mais visíveis dessa atuação foi a revista ‘*Informação Goyana*’ (...) cumprindo o objetivo principal de divulgar uma imagem positiva de Goiás para nação brasileira”. Nesse primeiro momento, assinala a autora, era preciso passar uma imagem positiva para atrair investidores para o Estado e assim participar do processo de modernização que ocorria por todo o Brasil. O grande propagandista goiano desse tempo foi Henrique Silva (1875-1935), coadjuvado por Antonio Americano do Brasil (1892-1932), ambos, redatores da *Informação Goyana*.

Ilustração 7 – Página de rosto da revista “A informação Goyana”



Página de rosto da *Revista Informação Goyana*, de 1924, que homenageou Miguel da Rocha Lima, que era Presidente do Estado de Goyaz. Acervo particular de Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado.

Em 1942, segundo Pereira (1997), ano do Batismo Cultural, Goiânia foi palco de vários eventos culturais. Segundo Mendonça Teles (*apud* PEREIRA, 1997, p. 121):

Quando Pedro Ludovico⁶ idealizou o projeto de Goiânia, ele sabia, enquanto intelectual, que uma cidade não se levanta somente com bases materiais: mais do que nunca, as raízes culturais devem ser fincadas como alicerce seguro e protetor das tradições que irão moldar o comportamento das gerações futuras. E, por isso, ele convocou os

⁶ Governador de Goiás na época do Batismo Cultural.

jovens, moços idealistas (...) Assim, cercados de jovens talentosos, de tradição humanística, foi-lhe possível erigir a Nova Capital sob o signo da educação e cultura. A fundação da Academia Goiana de Letras, a construção do Lyceu de Goiânia, Escola Técnica Federal, Escola Normal, Grupo Escolar Modelo e Museu Estadual atestam esta assertiva (sic).

Ilustração 8 – Baile do Batismo cultural



Baile do Batismo Cultural de Goiânia no Palácio das Esmeraldas. Ao centro dona Gercina Borges Teixeira, primeira dama do Estado e as jovens e senhoras de então, destacando-se na linha de frente Rosarita Fleury, Julieta Caiado Fleury, Amália Hermano Teixeira, Ninpha de Moraes Lobo, Maria Lucy Alencastro Veiga e muitas outras. Foto Berto, acervo particular de Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado.

O Batismo Cultural significou o nascimento de uma cidade culta. Essa era uma das principais preocupações de Pedro Ludovico.

E vieram autoridades das mais representativas da vida educacional e científica do país (...) Realizou-se o VIII Congresso Brasileiro de Educação, e também a sessão de Assembleias Gerais do Conselho Nacional de Estatística, do Conselho Nacional de Geografia e da Sociedade Brasileira de Estatística (...) Inaugurou-se o Cine Teatro Goiânia, com apresentação da peça 'Colégio Interno' com a consagrada artista Eva Tudor, e do filme 'Divino Tormento' estrelado por Jeanete Mac Donald e Nelson Eddy. No Palácio das Esmeraldas, com a presença de representantes de todo o Estado e Municípios goianos, apresentou-se a orquestra Sinfônica de Goiás, sobre a regência do saudoso Maestro Joaquim Edson de Camargo. Estava culturalmente inaugurada a nova Capital de Goiás. Mas, no meio de todos

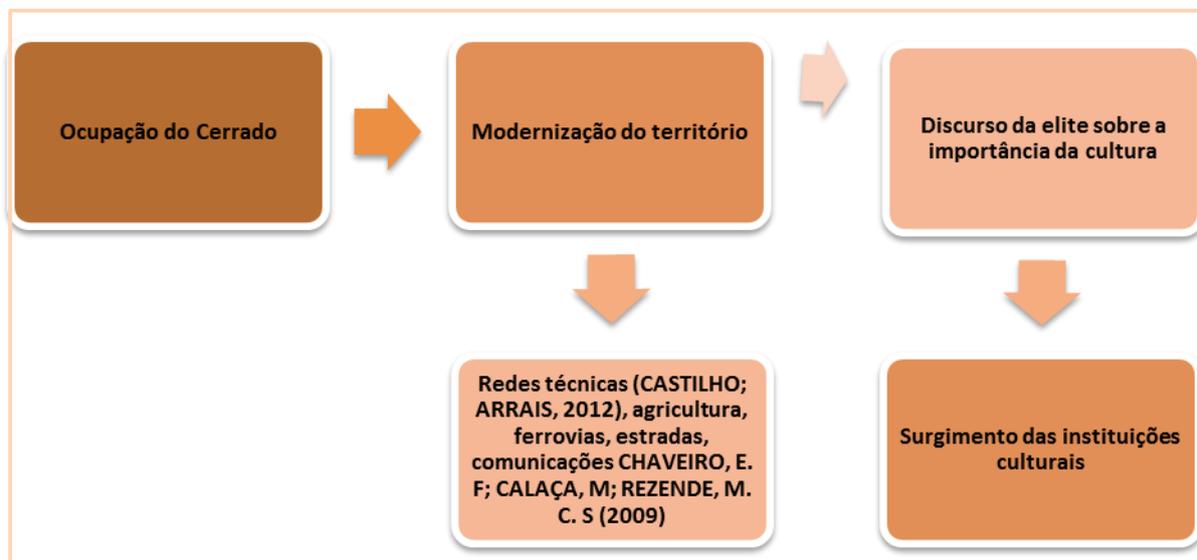
esses acontecimentos notáveis, algo marcou profundamente o Batismo Cultural: a circulação, naquele 5 de julho, da revista *Oeste* (TELES *apud*⁷ PEREIRA, 1997, p. 121).

A circulação de um periódico significava a divulgação dos feitos à comunidade em geral e ao país. “Um dos propósitos fundamentais dessa revista (*Oeste*) era estabelecer o suporte cultural para o emergente Estado de Goiás. As bases desse pensamento (...) estavam afinadas com o pensamento difundido pelo Estado Novo” (PEREIRA, 1997, 122). Fazia-se propagandas sobre as potencialidades do Estado de Goiás no desenvolvimento do Brasil.

Da mesma forma destacamos outros meios de circulação da informação como o rádio, por exemplo. Marques (2008) afirma não ter referências para estabelecer quando o rádio chega em Goiás; porém, destaca a primeira emissora surgida no ano de 1942, a Rádio Clube de Goiânia. A função do rádio, como destaca o autor, se assemelha com os outros meios de comunicação (jornais e revistas), ou seja, promover o Estado e atrair o progresso.

A ilustração a seguir apresenta um esquema mostrando como se deu o processo de ocupação do Cerrado, a modernização e o discurso sobre a importância da cidade em ser moderna e também culta, de forma a atrair imigrantes e investidores.

Ilustração 9 – Cerrado: ocupação, modernização e o discurso de uma cidade culta



Elaboração dos autores, 2019

⁷ Não conseguimos o texto original, por isso o uso do *apud*

O processo de ocupação e modernização do Cerrado goiano não passou somente por uma revolução técnica, mas por um conjunto de ações de cunho cultural daqueles que tentavam construir um Estado forte. Essas ações traziam representações marcadas pelas transformações culturais e educacionais que se passavam no país e em certa medida no mundo.

A INFLUÊNCIA HISTÓRICA SOBRE AS PRÁTICAS DE LEITURA ATUAIS

A leitura, segundo Abreu (1999), Certeau (2007), Chartier (1998) e Manguel (1997) possui um conceito amplo no qual sua prática e seu entendimento dependem muito do contexto cultural em que tal ato é apresentado aos sujeitos. Nesse sentido, deve-se apresentar aos sujeitos uma variedade de opções de leitura sem o apego e a tentativa de hierarquizar os diversos tipos de textos como melhores e piores como já disse Dumont (2000).

Assim, para se formar leitores e mantê-los na juventude e vida adulta é preciso dar condições, o que implica acesso à bibliotecas públicas e escolares, principalmente em se tratando de sujeitos com baixo poder aquisitivo. A presença da leitura precisa estar atrelada à sua formação desde a tenra infância. Tal condição só é possível com acesso às diversas instituições ligadas à cultura e à leitura. Essa condição, historicamente, não é realidade em Goiás.

A formação das instituições culturais e educacionais de Goiânia, como se viu, tinha um foco mais propagandista do que, realmente, uma preocupação com a cultura Goiana. Esse processo, a nosso ver, influencia até hoje a trajetória das bibliotecas e, conseqüentemente, as práticas de leitura das pessoas de uma maneira geral em especial a juventude. Além disso, o acesso a outros bens culturais, nunca foi focado ao público menos favorecido. Desde sempre, tais acessos atendem muito mais a uma elite a qual pode bancar o consumo desses bens.

A preocupação com a biblioteca, em especial as públicas, nas décadas posteriores ao Batismo cultural, continuam muito aquém daquilo que se espera. Goiânia, atualmente, tem 3 bibliotecas públicas, sendo 2 Municipais e 1 Estadual a fim de atender uma população de mais de 1,5 milhões de pessoas. O mesmo pode-se falar das bibliotecas escolares inexistentes nas escolas tanto da rede pública quanto da rede particular de ensino. Além de poucas, as bibliotecas existentes carecem de manutenção e investimentos. No ano de 2016, constatamos,

por exemplo, que a Biblioteca Municipal Marieta Telles Machado, sofreu pichações, roubos e não recebeu nenhum orçamento nos últimos 3 anos.

Há poucos espaços de leitura na cidade e até mesmo uma inacessibilidade à população mais carente a qual não lê por que não tem condições financeiras de adquirir os suportes para tal. A ausência desses espaços, em nossa cidade, impedem que os profissionais ligados a formação de leitores trabalhem na mediação em favor da circulação e apropriação das informações.

Quando se observa a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, em especial a recente edição de 2015, vê-se que o maior acesso ao livro é ainda por meio de compra. Foram poucos que citaram o acesso via bibliotecas. Entretanto, a pesquisa mostra que as pessoas tem um bom entendimento da importância e significado da biblioteca, caracterizando-a como espaço de aprendizagem e estudos.

Outro resultado importante da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil 2015 foi a pergunta sobre se o entrevistado sabia da existência de bibliotecas em sua cidade. Cerca de 85% afirmaram não existir ou não saber se existe. Ou seja, são 85% de pessoas que não tem acesso às bibliotecas. Não se consegue formar leitores com a ausência desses espaços. Seja uma ausência física ou psicológica.

Os espaços culturais e/ou de práticas de leitura, quando existentes, são disponíveis, historicamente, apenas para uma elite. Por exemplo, apesar da Pesquisa Retratos da Leitura (2015) no Brasil, não deixar claro, podemos inferir que a maioria das pessoas que frequentam as livrarias tem melhor poder aquisitivo. O mesmo pode-se dizer ao acesso às bibliotecas escolares. As melhores, pelo menos em Goiás, estão presentes em instituições particulares de ensino.

Nesse momento de tantas transformações no campo científico é desafio para a Ciência da Informação, promover estudos que demonstrem a eficácia de espaços de leitura, em especial as bibliotecas, na promoção dos saberes multi e interdisciplinares. São eles, juntamente com profissionais capacitados na área de biblioteconomia, que contribuem e contribuirão para os processos de aprendizagem sejam institucionalizados (escolas e universidades) quanto não institucionalizados (bibliotecas públicas e comunitárias).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de ocupação e modernização do território e ocupação do Cerrado não significou simplesmente um avanço econômico. Vimos o discurso da elite daquela época, ao destacar que a capital do Estado tinha uma preocupação com a cultura e por esse motivo investiu em instituições que fossem palco de manifestações culturais à altura da elite local daquela época.

Mas, essa preocupação com a cultura se constitui, igualmente, em um discurso que pretendia promover o Estado e conquistar tanto migrantes quanto investidores. Por esse motivo era importante investir em cultura. Um Estado o qual se importava com a cultura seria melhor visto pelas elites de outros, pois demonstrava ser um local onde haveria opções de lazer e entretenimento para uma elite educada nos moldes europeus. Essa imagem poderia atrair investidores para o seu desenvolvimento.

Vimos também que, antes mesmo do nascimento de Goiânia e Batismo Cultural, já existiam no Estado instituições Culturais como, por exemplo, no final do século XIX o Gabinete Literário Goiano. Tal fato demonstra uma preocupação com a cultura anterior ao processo de modernização, apesar dessa instituição estar ligada, principalmente a uma elite. Lembrando que a ênfase e a preocupação com a cultura se torna mais intensa durante o processo de modernização.

O surgimento de diversas instituições culturais foram o berço para o avanço da cultura educacional, pois a partir daí surgem as principais instituições de ensino de Goiás a Escola Técnica (hoje Instituto Federal de Goiás - IFG) e a Universidade Federal de Goiás - UFG.

A pesquisa sobre as práticas de leitura da juventude realizada por Santos (2014), confirmam que toda essa transformação cultural ocorrida à época da ocupação e modernização das áreas do Cerrado, não foram democráticas às classes sociais. Tal fato porque, os jovens que participaram da pesquisa, disseram não ter tido tanto acesso a leitura quanto àqueles que viviam em famílias com melhores condições financeiras.

Assim, conclui-se que as trajetórias históricas das instituições culturais e/ou de leitura do nosso estado, influenciam negativamente às práticas atuais, pois tais instituições, além de poucas, nunca foram acessíveis de forma abrangente à toda população e sim somente a um público seletivo e com bom poder aquisitivo. Não há, nesse sentido, motivação e nem espaços suficientes para as práticas de leitura.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. Diferenças e Desigualdade: Preconceitos em Leitura. In: MARINHO, Marildes (Org.). **Ler e navegar: espaços e percursos da leitura**. Belo Horizonte, MG: Ceale, 2001, p.139-157.

ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado das letras, 1999.

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. 12. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BARRA, Valdeniza Maria Lopes da. Livros e leituras do Gabinete Literário Goiano na sociedade oitocentista de Goiás. **Educativa**, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 85-97, jan./jun., 2011.

CERTEAU, Michel de. Ler: uma operação de caça. In: _____. **A invenção do cotidiano: I artes de fazer**. 13.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 1998.

CHAVEIRO, Eguimar Felício; BARREIRA, Celene Cunha Monteiro Antunes. Cartografia de um pensamento de Cerrado. In: PELÁ, Márcia; CASTILHO, Denis (Orgs.). **Cerrados: perspectivas e olhares**. Goiânia: Vieira, 2010. P. 15-33.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Lazer, leitura de romance e imaginário. **Perspect. Cienc. Info.**, Belo Horizonte, v. 05, n. 01, p. 117-123, jan./jun., 2000.

FLEURY, Rosarita. **Sombras em marcha**. Goiânia: Ed. Líder, 1985.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARQUES, Edmilson. A história do rádio em Goiás (1942-1950). In: SEMINÁRIO DA PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – UFG/UCG, 1, 2008, Goiânia, **Anais** Goiânia, 2001.

MELO, Orlinda Carrijo. **A invenção da cidade: leitura e leitores**. Goiânia: Ed. Da UFG, 2007B.

MELLO, Márcia Metran. **Moderno e modernismo: a arquitetura dos dois primeiros fluxos desenvolvimentistas de Goiânia**. 1996. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, 1996.

MENDONÇA, Belkiss S. Carneiro. **A música em Goiás**. Goiânia: Editora da UFG, 1981.

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no cerrado do sudeste goiano**. 2004. 458 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciência e Tecnologia: departamento de Geografia, Universidade Estadual de São Paulo – Campus Presidente Prudente, São Paulo, 2004.

PEREIRA, Eliane M. C. Manso. O Estado Novo e a Marcha para o Oeste. **História Revista**, v. 2, n. 1, p. 113-129, jan./jun., 1997.

RETRATOS da leitura no Brasil. São Paulo: Instituto Pró-Livro; IBOPE Inteligência, 2015.

Disponível em:

<http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf>. Acesso em junho de 2016.

SANTOS, Andréa Pereira dos. **Juventude da UFG**: trajetórias socioespaciais e práticas de leitura. 2014. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILVA, Mônica Martins da. **A escrita do folclore em Goiás**: uma história de intelectuais e instituições (1940-1980). 2008. 279 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

VAZ, Maria Diva Araújo Coelho. Percorrendo a história do Centro. In: PAULO, Flávia Maria de Assis; CAVALCANTI, Lana de Souza. **A cidade e seus lugares**. Goiânia: E. V., 2007. P. 53-77.

SOBRE A AUTORA E O AUTOR

Andréa Pereira dos Santos

Professora Adjunta do Curso de Biblioteconomia e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFG; Representante Regional Centro-Oeste ABECIN; Foi Vice-Diretora da Faculdade de Informação e Comunicação; Professora e vice-coordenadora do Curso de Biblioteconomia modalidade à distância da UFG e Coordenadora de Estágios do Curso de Biblioteconomia. Foi Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFG. Pós-doutoranda em Ciência da Informação na UFMG; possui doutorado em Geografia no IESA/UFG. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás (2009); Especialista em Docência Universitária pela Universidade Estadual de Goiás (2007) e graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Goiás (2002). Exerceu o Cargo de Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação entre setembro de 2018 à fevereiro de 2019, foi vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação de 2017 à 2018. Exerceu a coordenação de pesquisa da Faculdade de Informação e Comunicação em 2017. Foi coordenadora do Curso de Biblioteconomia em 2016, Coordenadora de Estágio em 2015. Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Técnicas de Recuperação de Informação, comunidades virtuais, construção de identidades, bibliotecas públicas e escolares e práticas de leitura, leitura em ambientes digitais/virtuais, espaço e leitura e letramento informacional.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9315618025567235>

Benjamim Pereira Vilela

Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (2006) e mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (2009). Atualmente é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Educação Ambiental, Geoprocessamento, Dinâmica Territorial, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, educação ambiental, geografia humana, sustentabilidade, cartografia, geoprocessamento, educação profissional e transdisciplinaridade.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0327090183681398>

Recebido para publicação em fevereiro de 2020

Aprovado para publicação em junho de 2020